DOI: http://dx.doi.org/10.21724/rever.v16i3.31185

INTERÂMBIO

Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários*

Brazilian Protestants in the Face of Death and Mourning: remarks on Mortuary Rituals

*Leonildo Silveira Campos***

Resumo: Os principais traços de crenças e representações dos protestantes brasileiros de missão quanto à morte são facilmente captados no período de luto, nos rituais mortuários ou durante o enterramento. Eles se exteriorizam nas representações na forma de cânticos, na recitação de textos bíblicos, nos sermões ou nas preces emotivas. No Brasil, os protestantes se consideram antípodas do Catolicismo e do Kardecismo. Eles não acreditam no purgatório, nas missas de intercessão pelas almas ou na reencarnação. Todavia, seus rituais mortuários estão mudando e se tornam mais permeáveis ao processo de secularização. Quase não mais se realizam os velórios em templos; o discurso e a expressão das emoções são mais comedidos; aceita-se com mais frequência a doação de órgãos e a cremação; acrescentando-se um significativo desinteresse pelos cadáveres depois do sepultamento.

Palavras-chave: Morte, Protestantes, Ritos mortuários, Necrológios.

Abstract: The main features of the beliefs and representations of Brazilian mission Protestant and death can be easily observed in the mourning period, during mortuary rituals or the burial. They externalize the representations in the form of singing, the chanting of scriptures in sermons or in emotional prayers. In Brazil, Protestants consider themselves antipodal to Catholicism and spiritualism kardecist. They do not believe nor in purgatory neither in the intercession of masses for the souls or reincarnation. At the same time, their funerary rituals are changing and more exposed to the secularization process. They tend

* Este texto faz parte de uma pesquisa que resultou em vários textos e versões. O primeiro foi uma versão focada em Antropologia Mortuária, publicado em Franklin Santana Santos (2009). O segundo foi apresentado no VII Congresso Internacional de Estudos da Religião, na Universidade Católica de Goiás, em 11/04/14. A versão atual se concentrou mais nas representações dos protestantes da morte e do morrer à luz de uma bibliografia mais atualizada. O autor agradece àqueles interessados no assunto que com ele debateram nessas ocasiões em que o tema aqui apresentado foi discutido

** Doutor em Ciências da Religião, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Email: leocamps@uol.com.br

to perform the funerals no longer in temples; to control their discourses and expression of emotions; to accepted organ donations and cremation and to show a loss of interest in dead bodies after the burial.

Keywords: Death, Protestants, Death Rituals, Obituary Notices.

Introdução

A incerteza toma conta do ser humano, pois ele é o único ser vivo que sabe que um dia vai morrer. Essa consciência, se não for abafada, provoca-lhe geralmente ansiedade e angústia, alimentando na maioria das pessoas algum tipo de sentimento religioso ou de espiritualidade. A morte não é, no entanto, um fenômeno individual, mas também social. Por isso, os grupos humanos desenvolvem rituais de sepultamento, até como uma forma de defesa emocional diante da morte e do morrer, que, por outro lado, também provoca um relativo estado de inconsciência na vida cotidiana.

Norbert Elias[1] afirma que *"na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos"*. Isto é, para afastar o incômodo das incertezas e dúvidas, os seres humanos têm, no dizer de Boussuet mais facilidade para sepultar *"os pensamentos de morte"* e para *"enterrar aos mortos mesmo"* do que para cultivar uma permanente consciência de sua própria morte[2].

Louis-Vincent Thomas[3] registra que o ser humano é o *"único animal que acende fogo e enterra os mortos"*, mas também cria ritos, concepções, e atribui uma dimensão sagrada à morte, aos mortos e ao destino deles. Essa capacidade tem sido objeto de estudos famosos de antropólogos como Robert Hertz[4], Louis-Vincent Thomas[5], Arnold Von Gennep[6], de historiadores do porte de Philippe Áries[7] ou de Michel Vovelle[8]. Por isso mesmo, uma abordagem mais completa dessa temática exigiria pesquisas, em especial no campo da Antropologia da Morte.

Daí a necessidade de se atribuir sacralidade à morte, uma atitude originada em antigos cultos aos mortos e aos antepassados, que, segundo Fustel de Coulanges (1830-1889), teria desempenhado um importante papel na construção da coesão social. Para

[1] N.ELIAS, *A solidão dos moribundos*, p. 11.
[2] Apud L.-V.HOMAS, *Antropologia de la muerte*, p. 7.
[3],Ibid., p. 11.
[4] R.HERTZ, La muerte, la mano derecha.
[5] L.-V. HOMAS, *Antropologia de la muerte*, e Lo sagrado e la muerte.
[6] A. v. GENNEP. *Os ritos de passagem*.
[7] PH. ARIES, *O homem diante da morte*.
[8] M. VOVELLE. *Ideologia e mentalidades*.

Coulanges[9], nas culturas antigas os mortos e os antepassados do indivíduo continuam presentes entre os vivos. Em sua perspectiva, foi ao redor dos túmulos que as fogueiras se acendiam, os banquetes se realizavam e os contratos sociais eram celebrados. Os mortos teriam então, invisivelmente, a capacidade de agir sobre os vivos, incentivando ou censurando o modo deles viverem. Resultaria disso a necessidade de "agradar" aos mortos para se conseguir apoio e não entraves para os projetos em andamento.

Os cristãos, como nos aponta Philippe Áries[10], têm assumido posturas e compartilhado diferentes representações desde a morte de Jesus de Nazaré, por volta do ano 30 de nossa Era, até o fim do período medieval. Porém, no século XVI surgiram novas posturas, crenças e representações, divulgadas com mais força por Martinho Lutero e João Calvino. Desde então, é possível perguntar: em que católicos e protestantes diferem quanto às suas representações da morte, destino das almas, cuidado com os corpos mortos? De que maneira os protestantes encaram a morte e o morrer? Quais são as suas representações quanto à morte? Como eles realizam seus rituais mortuários?

Pretendemos focar essas questões e apresentar algumas reflexões sobre os chamados protestantes ou evangélicos de "missão", "clássicos" ou "históricos". Quem são eles? Segundo Jean Bauberot e Hubert Bost[11], protestantes são aqueles que se consideram parte integrante de uma *"família teológica, espiritual e ética do cristianismo, derivada da Reforma do século XVI"*. Essa conceituação sugere deixar de lado por opção metodológica os pentecostais e neopentecostais.[12]

No Brasil atual usa-se um termo genérico – "evangélicos" – para todos os protestantes e não somente para os que estão ligados à Reforma do século XVI. Esse termo se tornou corrente, especialmente, após as tomadas de posição dos que se julgam herdeiros da tradição da Reforma protestante contra o "modernismo" teológico. Daí a necessidade de delimitar dentro desse grupo os protestantes presbiterianos, congregacionais, metodistas, batistas e luteranos, embora estes últimos mereçam ser estudados separadamente devido à herança alemã. Todavia, no que tange à morte, às penas eternas, às crenças no céu e no inferno, à não crença no purgatório, luteranos e evangélicos de outras procedências compactuam doutrinas e códigos culturais semelhantes e até iguais em alguns aspectos.

---

[9] FUSTEL DE COULANGES. *A cidade antiga*.
[10] PH. ARIES, *O homem diante da morte*.
[11] J. BAUBEROT ; H. BOST, Protestantisme.
[12] Sobre as representações da morte por pentecostais, embora se limite ao Chile, remetemos o leitor à tese de doutoramento de M.M. AGUERO, intitulada *Muerte, milênio y secularización – Representaciones de la muerte en el pentecostalismo chileno de 1909 al 2009.*

No entanto, a despeito de os protestantes ou evangélicos terem uma mesma origem, e de todos eles se considerarem "adversários" teológicos do Catolicismo, falta-lhes um conjunto unificado, lógico e sistematizado de representações a respeito da morte e do morrer. A multiplicidade dessas concepções e práticas aparece bem num livro de Christopher Johnson & Marsha McGee em que os autores, usando uma metodologia comparativa, apresentam quase duas dezenas de tipos religiosos de representações ligadas à morte, ao morrer e aos rituais fúnebres em várias religiões, igrejas e seitas.[13]

Observemos ainda que o Cristianismo recebeu por herança de outras culturas, sincretizou e ressignificou crenças e práticas relativas à morte e seus rituais. Portanto, suas formas de conceber a morte, de lidar com os moribundos, de tratar os corpos mortos, de esperar por uma vida que transcenda o período vivido aqui na Terra, trazem embutidos traços de culturas religiosas que lhes são antecedentes. Nesse processo, no entanto, tanto houve rupturas como continuidades. No que se refere ao Protestantismo, essas rupturas são significativas, especialmente em relação às crenças e práticas católicas. Portanto, há padrões que não se perpetuaram em todos os grupos cristãos e nem foram hegemônicos no decorrer desses dois mil anos de história.

Nesse sentido, vemos a atualidade de uma abordagem fenomenológica da cultura tal como a proposta por Ângela Bello[14], que convida seus leitores a empreenderem uma *"investigação regressiva"* a uma *"certa forma de escavar no interior da consciência individual e coletiva a fim de descobrir a origem das várias formas de pensar"*. Em outras palavras, Bello se refere a uma "arqueologia fenomenológica" em que as culturas são decompostas em camadas, em províncias de relevância e de significado, possibilitando a identificação e a classificação dos traços sobreviventes de cada uma das culturas anteriores.

A comparação entre as várias maneiras de os evangélicos brasileiros encarem a morte demonstra a inexistência de diferenças profundas entre eles. Talvez o que os una na elaboração dessas representações seja mais o esforço conjunto de se afastar do Catolicismo, campo religioso de onde todos eles surgiram. Isso ocorre na medida em que eles procuram criar suas respectivas identidades, resultando em pequenas diferenças, porém, quase todas situadas mais no nível teológico.

Neste texto, pretendemos apreender, descrever e analisar as representações coletivas, concepções, práticas e posturas de alguns evangélicos brasileiros diante da morte e do morrer. Para essa investigação, usamos as liturgias e rituais desenvolvidos por "protestantes históricos" como forma de exteriorização e de prática de suas

[13] CH. JOHNSON; M. McGEE, (eds), *How different religions view death and afterlife.* Os autores apresentam 19 analistas de diferentes expressões religiosas, que apontam para a multiplicidade de visões e as peculiaridades de vários grupos e tradições religiosas que atuam nos EUA a respeito da morte, analisando pentecostais, batistas, metodistas, presbiterianos, luteranos, mórmons, budistas, islâmicos e assim por diante.

[14] A. BELO, *Culturas e religiões: Uma leitura fenomenológica,* p. 17 ss.

concepções e crenças na vida, na morte e no pós-morte. Poderia fazer parte desse esforço a verificação de como se dá o tratamento aos moribundos, ao corpo morto e aos vários tipos de rituais mortuários desenvolvidos após a ruptura dos protestantes com o Catolicismo. É importante também ressaltar os mecanismos de consolo utilizados como parte de um discurso-ação destinado a amenizar o drama da morte e o seu impacto sobre o grupo familiar, de amigos ou na comunidade em que o falecido participou quando em vida.

As concepções protestantes a respeito da morte e do morrer se desenvolveram historicamente não somente numa perspectiva anticatólica, mas, também, sob a influência de uma cultura burguesa, individualista, hedonista e secularizante. A ruptura provocada pelo advento dessa cultura tende a ser dramatizada em ocasiões especiais como aquelas em que a morte visita algum membro da comunidade familiar ou religiosa. Marcel Gauchet[15] chama esse processo de *"desencantamento do mundo",* que se expressa em uma *"recomposição do universo humano-social fora da religião"*. Pressupomos que em nossa sociedade, em processo de secularização, a morte tende a escapar do controle que o religioso sobre ela exerceu durante séculos no Ocidente cristão.

Muitos historiadores, além de Vovelle,[16] ligados à história das mentalidades, têm ressaltado as consequências dessas mudanças relacionadas com a morte e o morrer. Ariès fez isso ao registrar as transformações ocorridas nas maneiras de se lidar com a morte e com os mortos ao longo dos últimos séculos da história ocidental. O Protestantismo não somente contribuiu como também sofreu os efeitos dessas mudanças decorrentes da secularização e da modernidade em seu imaginário, representações e práticas rituais mortuárias.

Esse processo foi reforçado com a passagem do mundo rural para o urbano, que provocou o enfraquecimento de uma cultura comunitária de origem rural, e que foi substituída por outra de feição individualista e urbana. Yvonne Preiswerk comparou com detalhes, em regiões da Suíça, as visões católicas e protestantes e suas formas de lidar com a morte e com os mortos e as maneiras enterrá-los. Para Preiswerk os rituais mortuários são momentos significativos, pois uma *"cerimônia de sepultamento é a manifestação social mais completa de todos os eventos sociais, pois toca profundamente na existência do homem social e da morte"*. [17]

No desenvolvimento deste artigo, usamos a seguinte estrutura: na primeira parte, apresentamos as principais funções e necessidade dos ritos mortuários nas sociedades humanas. Na segunda, analisamos as práticas e crenças que os protestantes tradicionais

[15] M. GAUCHET, *El desencantamiento del mundo.*
[16] M. VOVELLE, *As almas do purgatório ou o trabalho do luto* e *Ideologia e mentalidades*.
[17] Y. PREISWERK, *Le repas de la mort: Catholiques et protestants aux enterrements,* p. 18.

expressam em seus rituais mortuários. Na terceira, refletimos sobre o papel do rito religioso mortuário, que é o de gerar emoções positivas nos vivos a quem o discurso é endereçado. Nas partes seguintes, mostramos como os protestantes usam a Bíblia e a música, e também como registram em seus obituários seus discursos num misto de consolo para os vivos e enaltecimento das qualidades ou méritos do falecido. Nesses necrológios há elementos destinados mais a consolar os vivos do que a dar um adeus aos mortos. Para eles, a morte não é uma festa e nem uma tragédia imensurável. É a porta de entrada para uma nova vida, que se perpetua por meio da ressurreição dos mortos e do juízo final.

A diversidade protestante expressa em seus ritos mortuários

Há uma pequena, mas significativa diferença entre as várias confissões religiosas que se identificam como protestantes ou evangélicas diante da morte e do morrer, conforme estudo de Christopher Johnson e Marscha McGee.[18] No entanto, a despeito dessa diversidade de crenças, há um núcleo comum, compartilhado por todos eles, e que se diferencia do conjunto de crenças dos católicos romanos e de outras religiões praticadas no Ocidente. Referimo-nos à crença de que a morte entrou no mundo depois da desobediência dos "primeiros pais". Desde então, segundo tal concepção, pesa sobre toda a raça humana a maldição colocada na boca do Deus Javé (Gênesis 3.19): *"Do suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornaras"*. O primeiro teólogo do Cristianismo, São Paulo, o Apóstolo, escreveu que o *"salário do pecado é a morte"* (Carta aos Romanos, 12.23). Nesse contexto perpetuou-se no Cristianismo a ideia da morte como consequência do pecado original.

Deus, na visão dos setores mais ortodoxos do Cristianismo dos dois primeiros séculos, criou um projeto destinado a salvar os seres humanos dos efeitos da morte resultante do pecado herdado: ele então teria enviado o seu próprio Filho, Jesus de Nazaré, que assumiu o pecado do mundo todo quando de sua morte numa cruz romana. Foi sepultado, mas, três dias depois, ressuscitou dentre os mortos. O seu retorno à vida seria, então, uma garantia de que todos os que o recebem como seu Salvador também serão ressuscitados por Ele e viverão eternamente. Após o século IV EC, a aceitação das afirmações do *Credo dos Apóstolos* tornou-se uma condição *sine quo non* para se definir quem é ou não é cristão. Dentro do *Credo* ganharam relevância as palavras "*creio na ressurreição do corpo e na vida eterna*" ou no latim "*carnis resurrectionem vitam aeternam"*. Para os neoplatônicos, gnósticos ou esotéricos, não havia uma heresia maior, pois, se a carne é má e está destinada à podridão, por que

[18] CH. JOHNSON; M. McGEE, (eds.), *How different religions view death and afterlife*.

haveria a ressurreição da carne ou, então, por que o Filho de Deus teria se tornado carne por instrumentalidade da Virgem Maria?

Um fator que separou os protestantes dos católicos foi a maneira de entender a celebração dominical chamado "missa". A missa, para os católicos, é um momento de dramatização do sacrifício do Filho de Deus e de seus efeitos sobre a vida humana. É nela que o Cristo, tal como o cordeiro de Deus, é sacrificado continuamente pelos pecadores, graças à ligação especial entre o sacerdote e a divindade. O sacramento da Eucaristia e a missa pelos defuntos se tornaram partes importantes na definição do itinerário a ser seguido pelos fiéis que morrem na esperança da ressurreição dos mortos. Mas, com o passar do tempo, foram se sistematizando novas expressões de fé, entre elas a do purgatório como um lugar de purgação para os pecados e de aperfeiçoamento da alma ainda não totalmente pronta para adentrar o paraíso.[19] Há, no Catolicismo, uma modalidade de missa que é a missa de "corpo presente", quando se dá a encomenda do corpo e a família recebe o apoio espiritual da Igreja.

Os protestantes, porém, ao recusar a crença na hierarquia da Igreja e na sua força para gerir todas as dimensões da vida baseada na tradição acumulada, romperam com as formas empregadas pelo clero para consolar os enlutados. Desde então, os protestantes se afastaram das crenças, rituais, representações e sacramentos católicos. Abandonaram, por exemplo, o ritual da extrema-unção, as missas em benefício da alma dos mortos, a crença no purgatório e a ideia de um limbo para a alma das crianças mortas sem o batismo. Nesse sentido, a liturgia católica manteve com mais facilidade do que os protestantes os antigos rituais funerários existentes em várias culturas antigas, especialmente as judaicas e as praticadas no Império Romano. Jean-Pierre Bayard assinalou que a *"Igreja reformada* [...] *é mais pragmática. Coisa surpreendente, talvez única no estudo dos fenômenos religiosos,* [pois] *a liturgia protestante dos funerais ignora quase radicalmente o morto".* Em outros termos, trata-se de uma "liturgia do morto ausente".[20]

André Gounelleassinala que *"o Protestantismo não admite nem orações e nem ritos pelos defuntos; ele considera que as cerimônias de enterro têm por objetivo ajudar os aflitos"*, isto é, elas *"estão voltadas para os vivos e não para os mortos"*, pois, *"os mortos estão nas mãos de Deus e não precisam de nosso cuidado"*. Por isso mesmo *"não devemos estar preocupados com eles ou tentar nos comunicar com eles."*[21]. A ênfase reformada recai sobre

[19] Para uma história das representações coletivas e das crenças católicas no purgatório, do ponto de vista histórico, remetemos o leitor ao texto de Jacques Le Goff, *O nascimento do purgatório*. Um panorama atual da discussão católica sobre a morte pode ser encontrado em Jean-Yves Lacoste, *Dicionário Crítico da Teologia*, 2014, p. 1195 ss.

[20] J.-P. BAYARD. *Sentido oculto dos ritos mortuários*, p. 27.

[21] A. GOUNELLE. Mort et vie éternelle, en GISEL, Pierre (coord.) *Encyclopédie du Protestantisme*, p. 1046.

os vivos que devem aprender, ouvir a mensagem e se preparar para que no momento oportuno venham, por sua vez, a enfrentar também a morte dentro de um clima de fé, certeza e esperança de vida eterna.

Por outro lado, o dinamismo da reformulação e recomposição da fé reformada, baseado apenas na leitura e interpretação individual da Bíblia, provocou o surgimento de uma diversidade protestante no que tange a alguns pontos de fé, inclusive quanto ao destino da alma dos falecidos; aos galardões que deverão ser atribuídos a cada um dos salvos no paraíso celestial; ou o grau de consciência e lembrança das coisas que ficaram na vida terrena. O resultado é que nem todos os não católicos possuem as mesmas concepções e crenças quanto à morte ou ao morrer, e nem sempre articulam o mesmo discurso de consolo endereçado aos vivos.

Dos "herdeiros" da Reforma protestante do século XVI, somente os luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais e os pentecostais têm uma visão da morte e uma prática ritual mortuária mais ou menos próximas entre si. Há, porém, aqueles grupos religiosos surgidos no universo protestante norte-americano, mas que não se identificam, e nem são identificados como tal. Entre eles estão os Mórmons, os Adventistas do Sétimo Dia (ASD) ou as Testemunhas de Jeová (TJ). Em que diferem ou se assemelham esses grandes grupos, entre si e com os evangélicos tradicionais? Que dizem os seus discursos e formas de consolação dos vivos quando se referem aos mortos? Focalizemos apenas os dois últimos grupos acima citados:

Quanto à crença na vida pós-morte, para ASD e TJ o morto fica "dormindo" na sepultura até o "final dos tempos", quando então haverá a "ressurreição dos mortos" e a chamada para o "juízo final". Não há imortalidade da alma e a alma dos ímpios será destruída. A imortalidade é um dom de Deus dado apenas aos justos. A alma dos ímpios será aniquilada. Desaparecendo então a ideia de inferno (comum aos demais cristãos) e a de purgatório (jamais admitida por todos os protestantes).

As TJ, pelo menos durante a maior parte de seus 150 anos de história, têm apresentado traços reunidos no tipo ideal "seita" por Ernst Troeltsch[22] para designar aqueles grupos religiosos que desprezam os valores culturais próprios da civilização onde se encontram. Elas praticam um tipo de contracultura, manifestando um espírito antissociedade. Decorre dessa postura a ideia de urgência na pregação, pois é preciso aproveitar todas as oportunidades para aumentar o número de fiéis. Antes que venha a catástrofe final, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a destruição dos ímpios, pois, para estes, não há vida eterna.

Já entre os protestantes mais conversionistas aparece uma prática comum nos hospitais quando um especialista religioso visita um enfermo, tentando convertê-lo para que ele não morra "sem aceitar a Cristo". Posteriormente, os mesmos pregadores da

[22] TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian churches*.

conversão de última hora usam o ritual funerário para conseguir convertidos à sua fé, sob a justificativa de endereçar aos ouvintes uma mensagem de consolo pela perda do ente querido, mas, ao mesmo tempo, passando-lhes a mensagem de que ainda há tempo para se converter e evitar a desgraça eterna. Nesses momentos, tais pregadores usam argumentos como estes: *"como será a sua eternidade sem Deus?"*; *"o que acontecerá se o morto, amanhã, for você?"*; *"você está preparado para encontrar com o seu Deus?"*; *"onde você irá passar a eternidade?"*.

As Testemunhas de Jeová[23] veem as práticas e crenças dos protestantes tradicionais quanto aos mortos e destino deles como reminiscência da filosofia grega socrática, platônica e aristotélica. A crença na imortalidade da alma tem, para eles, uma origem grega e pagã, e que somente Deus é imortal e é Ele quem dará a imortalidade para quem ele quiser. Eles atribuem ao próprio Satã a invenção e a introdução, no Cristianismo, do conceito de imortalidade da alma, que teria sido formulado pelos neoplatônicos ou pelos teólogos de uma Igreja corrompida. O inferno, lugar ou estado espiritual de castigo eterno, e a crença católica do purgatório como local para se pagarem os pecados antes de entrar no paraíso, também são conceitos considerados por eles como de origem pagã. Eles não levam em consideração que há teólogos católicos que têm trabalhado com alguns textos bíblicos para defender os seus pontos de vista a respeito do purgatório. [24]

O mesmo se pode dizer da crença nas penas eternas, pois, para TJ e ASD, a alma do ímpio, isto é, a alma do não convertido, será destruída definitivamente após o juízo final. Manter alguém eternamente no inferno só porque "pecou" por 70 ou 80 anos é crer em um Deus injusto que impõe uma pena desproporcional. Por sua vez, esse dilema tem separado protestantes liberais dos conservadores.[25] Mesmo assim, a morte é vista como o momento em que o futuro da alma se define. Ao morrer, sela-se o destino espiritual do indivíduo. Viver perto ou ser excluído da presença de Deus será o resultado de um tipo de vida vivido na terra. Daí a pressa em fazer do enfermo um convertido à fé cristã.

Os evangélicos ou protestantes históricos, de modo geral, não aceitam a ideia da reencarnação ou da passagem da alma pelo purgatório para o aperfeiçoamento espiritual. Resulta disso uma mudança básica nas crenças e nos rituais referentes à morte. Pois, enquanto nos meios católicos objetiva-se ajudar o indivíduo a realizar a sua

[23] TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, p. 36.

[24] Uma excelente explicação do ponto de vista católico para a ideia do purgatório pode ser encontrada em: CORREIA, Udson Rubens; DÉBORA**,** Apostolado Veritatis Splendor: O *purgatório nas Sagradas Escrituras*, http://www.veritatis.com.br/article/271

[25] Um conflito teológico sobre as "penas eternas" se instalou entre presbiterianos independentes brasileiros no final dos anos 1930, dando origem à Igreja Presbiteriana Conservadora (fundamentalista) e à Igreja Cristã de São Paulo (de linha liberal) no início da década de 1940.

transferência do mundo dos vivos para o seu destino eterno, no Protestantismo a morte sela o destino da alma. No Protestantismo, aqueles ritos católicos relativos ao preparo e ao percurso para a longa viagem da alma são abandonados. Por isso, os protestantes, diante do moribundo, procuram reafirmar ou despertar a fé e a esperança que eles devem ter na ressurreição dos mortos. Pelo mesmo motivo, nas exéquias feitas ao redor do corpo vivo, não mais objetivam o morto em si, mas os vivos. São, portanto, rituais para os vivos e não para os mortos.

O objetivo inicial da pregação protestante, enquanto o indivíduo morre, é garantir a concretização da salvação de sua alma. Portanto, a retórica do discurso voltado a quem está morrendo focaliza-se na necessidade do arrependimento dos pecados cometidos, no pedido de purificação desses pecados, para que a alma possa estar em condição de se encontrar imediatamente com Deus. A doutrina do "perdão dos pecados" e a importância que se dá à aceitação do "sacrifício de Jesus" na cruz são um ponto importante nessa pregação. A salvação vem pela fé, pois, para os evangélicos, a salvação da alma não depende de boas obras por parte do ser humano, nem tampouco da intercessão ou da caridade feita em seu nome pelos sobreviventes, mas especialmente por causa do relacionamento direto entre o indivíduo e o seu Deus.

Devidamente acertada a situação com Deus, o fiel pode morrer em paz, na certeza de que irá se encontrar imediatamente com Deus. Em outras palavras, ele será recebido por Jesus no céu. Daí os termos sempre presentes nos discursos protestantes durante os ritos funerários: "mansão celestial", "lar celestial", "paraíso celeste" ou, simplesmente, "o céu com Jesus". É comum, ao receber a visita dos demais crentes, o moribundo protestante pedir para alguém orar ou cantar seus hinos preferidos ou, então, repetir a "Oração do Pai Nosso". Enfatiza-se sempre a necessidade de se permanecer fiel até o fim. Palavras bíblicas como as do Apóstolo São Paulo são repetidas: *"Eu sei em quem tenho crido, e estou bem certo que é poderoso, para guardar o meu tesouro, até o dia final"* (2ª Carta a Timóteo 1.12). Ou, então, *"combati o bom combate, acabei a carreira, e guardei a fé. Agora só me resta a recompensa que o justo juiz me dará naquele dia"* (2ª Carta a Timóteo 4.7). São lembradas também as palavras atribuídas a Jesus: *"Eu sou a ressurreição e a vida, aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá"* (João 11.25).

A força do ritual mortuário protestante (ou não) na geração de emoções positivas nos vivos

A ligação entre religião e emoções é um dado ressaltado desde o início das ciências que tratam do comportamento humano. Essa proximidade se torna notável quando da realização dos rituais que envolvem a morte. Entre protestantes presbiterianos e outros também, o cerimonial de exéquias pretende expressar a crença oficial da tradição de fé

reformada a respeito da morte e de sua respectiva visão da situação pós-morte. Um bom exemplo é o que aparece em alguns manuais litúrgicos que escolhemos para análise: manuais presbiterianos e metodistas.[26]

No MANUAL DE CULTOS dos presbiterianos independentes, lemos:

> Precisamente à hora marcada pela família, o oficiante [pastor ou leigo] colocando-se à cabeceira do féretro, fará a comunicação: Cumpre, ao dar início a esta cerimônia, por ocasião dos funerais do irmão (Fulano de tal) chamado à presença de Deus, declarar que embora a Deus pertença o destino dos homens, e nós esperemos a sorte feliz dos que recebem a graça divina, contudo o ofício fúnebre tem a sua oportunidade, para consolo dos corações que choram a partida de seus queridos, e ainda como um solene aviso a todos quantos ainda são poupados pela morte. [27]

A seguir, o oficiante enfatiza a fragilidade da vida humana, a centralidade das decisões na divindade, relembrando as palavras do Cristo a respeito da morte e da ressurreição dos mortos. A morte do pranteado é apresentada como um lembrete de que a hora de cada um também há de chegar, daí a necessidade de que todos estejam preparados para *"encontrar com Cristo na eternidade"*. O mesmo "Manual" recomenda discrição ao se falar sobre a vida pregressa do falecido, especialmente quando não houver muito conhecimento por parte do oficiante dos pormenores de sua biografia.

Manfred Josuttis, escrevendo sobre as relações entre o ritual de sepultamento e a pregação, mostra que, para os luteranos, a procura constante por esse ritual indica que ele satisfaz a necessidades psicossociais dos fiéis. Josuttis argumenta usando os sociólogos interacionistas, que insistem no fato de que um *"grupo de pessoas resguarda, em determinada situação, a identidade para si mesmo e para os seus membros"*. Nesse sentido, ainda conforme Josuttis[28] o ritual de sepultamento *"ajuda a sociedade a superar o fato de ter perdido um de seus membros"*. Acrescentando ainda que *"o ritual religioso capacita a sociedade a prosseguir nos rituais do dia-a-dia, inclusive em face da morte"*[29]. Assim, o ritual proporciona

> a certeza de que a morte é definitiva, de que o falecido está sepultado ou cremado, e a confirmação da possibilidade de um reencontro no fim dos

[26] A fotografia nº 1 anexada no final do artigo mostra o velório e o "culto em gratidão pela vida" do missionário norte-americano, Rev. Richard Irwin, na Catedral Evangélica de São Paulo, em 2007.
[27] MANUAL DE CULTOS, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, p. 51.
[28] Ibid., p. 201.
[29] M. JOSUTTIS, *Prática do Evangelho entre política e religião*, p. 199.

> tempos. Limitando o medo e alimentando a esperança, o enlutado consegue separar-se do morto e voltar para a vida[30].

O ritual da Igreja Metodista, por sua vez, ressalta momentos de intercessão pelos enlutados e de expressões de gratidão a Deus pela vida do falecido. Mas, como ocorre com os demais protestantes, a prece nunca é pelos mortos e sim pelos vivos. Por exemplo, uma oração de súplica prevista no Anuário Litúrgico dos metodistas:

> Deus amoroso, precisamos da tua ajuda para compreender que [Nome] já não sofre mais dor ou medo, e que, para ele/a as limitações cessaram, as fraquezas foram superadas e a própria morte foi vencida. [Nome] já não está conosco, mesmo assim, nós te agradecemos pelos anos da sua presença entre nós. E, embora sentindo a dor da sua partida, descansamos na confiança de que ele/foi para estar contigo [...]. Abençoa aqueles e aquelas que cuidaram dele/a nos momentos mais trágicos de sua vida [...] que eles/as posam encontrar, além das lágrimas, uma visão límpida do teu nome.[31]

No momento do sepultamento ou da cremação, quando os sentimentos de perda são mais intensos, o oficiante da cerimônia repete as palavras finais:

> Nós, agora, entregamos [este] corpo à terra – terra à terra; cinza à cinza; pó ao pó – na esperança da ressurreição para a vida eterna [...]. [Voltando-se para os amigos e familiares do morto o oficiante repete]: "Irmãs e irmãos, a vida segue o seu curso. Há providências a tomar, pessoas a cuidar; trabalho a fazer. E Jesus nos prometeu que não nos deixará sós. 'Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos' (Mt. 28.20). Portanto sigam em paz [...]; na força da fé; no conforto da esperança; e na prática do amor".

Outra forma de prece recomendada para os momentos de despedida foi escrita por Ernesto B. Cardoso (1957-1995), jovem liturgista, pastor metodista e teólogo que morreu em decorrência da AIDS:

> Nosso Deus é maior que toda dúvida [...] que toda angústia [...] que toda tragédia. No seu colo encontramos abrigo, no calor do seu abraço encontramos a força, e no brilho do seu olhar, a confiança! Já podemos ensaiar um novo passo... provocar um novo gesto... já podemos renascer"[32]

---

[30] Ibid., p.204.
[31] ANUÁRIO LITÚRGICO, Igreja Metodista do Brasil, p. 125 ss.
[32] Ibid.

A recitação de textos da Bíblia nos ritos mortuários protestantes

Nos rituais mortuários de protestantes há muitas leituras bíblicas, reflexões, preces e cânticos, tanto no culto, nos rituais com a presença do corpo no templo ou no local de velório, como também no cemitério. Isso torna tais rituais diferentes dos rituais católicos ou de outras religiões.

Nessas ocasiões, trechos da Bíblia Sagrada são usados no esforço de consolar os entristecidos pela morte de um ente querido e de reanimar neles a vontade de viver. Nesses rituais há textos bíblicos preferidos, como:

> Lembre do seu Criador enquanto você ainda é jovem, antes que venham os dias maus e cheguem os anos em que você dirá: "Não tenho mais prazer na vida". Lembre dele antes que chegue o tempo em que você achará que a luz do sol, da lua e das estrelas perderam o brilho e que as nuvens de chuva nunca vão embora. Então os seus braços, que sempre o defenderam, começarão a tremer, e as suas pernas, que agora são fortes, ficarão fracas. Os seus dentes cairão, e sobrarão tão poucos que você não conseguirá mastigar a sua comida. A sua vista ficará tão fraca, que você não poderá mais ver as coisas claramente. Você ficará surdo e não poderá ouvir o barulho da rua. Você quase não conseguirá ouvir o moinho moendo ou a música tocando. E levantará cedo, quando os passarinhos começam a cantar. Então você terá medo de lugares altos, e até caminhar será perigoso. Os seus cabelos ficarão brancos, e você perderá o gosto pelas coisas. Nós estaremos caminhando para o nosso último descanso; e, quando isso acontecer, haverá gente chorando por nossa causa nas ruas. A vida vai se acabar como uma lamparina de ouro cai e quebra; quando a sua corrente de prata se arrebenta; ou como um pote de barro se despedaça quando a corda do poço se parte. Então o nosso corpo voltará para o pó da terra, de onde veio, e o nosso espírito voltará para Deus, que o deu. É ilusão, é ilusão, diz o Sábio. Tudo é ilusão (*Eclesiastes* 12:1- 8).

Do conjunto de poesias judaicas datada de séculos antes de nossa Era, há uma muito apreciada em vários momentos da vida dos cristãos, inclusive nos ritos funerários. Nela, o fiel é comparado com uma ovelha que está sob cuidado de quem dela trata, o supremo pastor, que é o próprio Deus:

> O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam. Preparas-me uma mesa na

> presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre (*Salmos* 23:1-8).

Há também textos bíblicos selecionados que associam Jesus Cristo com a situação dos mortos que, em vida, foram considerados cristãos devotos. Usam-se especialmente dizeres tirados de seu discurso de despedida dos discípulos, antes de sua execução pelos romanos. Ou, então, são repetidos dizeres que Ele teria pronunciado antes de trazer à vida pessoas que já estavam mortas. Uma dessas ocasiões teria sido a ressurreição de um amigo chamado Lázaro, morto há quatro dias. Naquela oportunidade, Jesus teria dito uma frase muito apreciada e usada amplamente nas liturgias mortuárias dos evangélicos, reproduzida em coroas de flores, em quadros e até nos túmulos: *"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, ressuscitará"* (João 11.25).

Trechos do último livro da Bíblia dos cristãos, Apocalipse de João, também são muito apreciados e nunca faltam nos rituais mortuários de evangélicos. Nesses momentos lembram-se, especialmente, daqueles textos bíblicos que fazem referência à ressurreição e à vida futura dos que morrem em estado de lealdade a Deus. Lembremos de alguns deles:

> Bem-aventurados os mortos que, desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham" (Ap. 14.13); "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe (...) [E Deus] enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (Ap. 21.1 e 4).[33]

Rezar ou orar juntos a "Oração do Pai-Nosso" também é liturgicamente comum nessas ocasiões. Vez ou outra se recita o Credo dos Apóstolos, com bastante ênfase e emoção a parte que assim diz: *"Creio na ressurreição do corpo e na vida eterna, amém.*" O mesmo ocorre com o Credo de Niceia, que assim termina: *"Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro. Amém."*

[33] Há um texto tirado de uma das cartas do apóstolo São Paulo no qual ele, como uma espécie de despedida de seus destinatários escreveu: "Combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé. Agora só me resta a coroa que o justo juiz me dará naquele dia". Esse é um dos textos preferidos pelos protestantes para colocar como epitáfio nos seus túmulos. A vida do fiel é vista, numa linguagem dos esportes, como uma corrida em que o vencedor recebe uma coroa de flores pela vitória.

A música sacra como forma de consolar os vivos

Não estaríamos fazendo justiça aos protestantes se não ressaltássemos o que parece ser, especialmente para os não participantes de suas comunidades, o estranho e contraditório hábito de cantar enquanto se morre ou cantar para consolar os que acabaram de perder um ente querido. Realmente, os evangélicos, desde a introdução do Protestantismo no Brasil, no século XIX, contrastaram com os católicos no que se refere ao hábito de cantar sempre, em todas as situações da vida.

Os protestantes ou evangélicos, desde Lutero e Calvino (Século XVI), passando pelos irmãos Carlos e John Wesley (século XVIII), incorporaram à vida cotidiana e às liturgias o hábito de cantar. O cântico faz parte dos ritos diários e dos rituais vários de diversas comunidades de fé que se autoidentificam como evangélicas. Cada evangélico acredita fazer parte de um povo de cantores, cujo cantar na vida presente é um mero preparo para a participação de um grande coral no Céu, formado por anjos, santos e mártires que o antecederam na fé e esperança. Daí a visão poeticamente descrita do paraíso por São João, onde um grande coral, ao redor do trono divino, canta sem cessar, ao redor do Filho de Deus – Jesus Cristo.

No Brasil rural, os evangélicos cantavam no trabalho, em casa, nos templos, nos momentos de alegria e de tristeza. Por isso mesmo, o fiel, para vencer as dificuldades da vida, o sofrimento e a precariedade da existência, precisa *sentir* a companhia de Deus durante toda a fase de *peregrinação*. Isso se torna bem claro no conhecido cântico de que, abaixo, transcrevemos algumas estrofes - *A companhia de Deus*:

> **1** - Comigo habita, ó Deus! a noite vem:/ As trevas crescem! – eis, Senhor, convém / Que me socorra a tua proteção; / Oh! Vem fazer comigo habitação! **2** - Depressa encontrarei o fim mortal; /Desaparece o gozo terreal; /Mudança vejo, em tudo, e corrupção; / Comigo faze eterna habitação! **4** - Presente estás nas trevas ou na luz! / Não há perigo andando com Jesus! /A morte e o túmulo não aterrarão / Onde meu Deus fizer habitação. **5** - Ó morte! Em Cristo gozo a redenção! / Sepulcro, o pó verá ressurreição! / No reino além não há perturbação;/ Herdo com Deus perene habitação.[34]

Deve-se observar que há na hinódia protestante de procedência norte-americana a influência dos cânticos dos escravos africanos, além dos hinos compostos na Alemanha e na Inglaterra. Tais canções são carregadas de um sentimento de estranheza diante da vida terrena e de uma esperança na vida do além. Ao falar de um paraíso projetado para o "celeste porvir", o negro escravo se conformava com o sofrimento do tempo presente

[34] SALMOS E HINOS, Hinário da Igreja Evangélica Fluminense, p. 137, Hino nº 222.

enquanto esperava por uma reversão da situação em tempos futuros. Essa "saudade do céu" está presente no imaginário do protestante de missão brasileiro.

A recitação da Bíblia ocorre também por ser ela considerada a fonte "única de autoridade, fé e prática" para os cristãos evangélicos. É a partir dela que o discurso fundante dos protestantes brasileiros se dá. Portanto, o seu imaginário é fertilizado pela leitura da Bíblia que o acompanha mesmo enquanto morre. Porém, as riquezas imaginadas para o céu ele reconhece não estarem contidas nas palavras. Por isso, as palavras que o pregador emprega para consolar os que morrem ou os seus familiares estão cheias de versículos da Bíblia, mas, ao cantar, aparecem os elementos irredutíveis ao discurso racional. Um bom exemplo de como se dão os estímulos para uma imaginação ativada pela leitura da Bíblia é a letra do hino seguinte:

> **1.** Tenho lido da bela cidade / Situada no Reino de Deus, / Amurada de jaspe luzente, / E juncada com áureos troféus. / Bem no meio da praça eis o rio / Da vida e vigor eternal; / Mas metade da glória celeste / Jamais se contou ao mortal. / Jamais se contou ao mortal! / Jamais se contou ao mortal! / Metade da glória celeste / Jamais se contou ao mortal! / **2.** Tenho lido dos belos palácios, / Que Jesus foi no Céu preparar, / Onde os santos fiéis, para sempre, / Mui felizes irão habitar; / Nem tristeza, nem dor, nem velhice / Veremos no lar paternal; / Mas metade da glória celeste / Jamais se contou ao mortal. / **3**. Tenho lido das vestes brilhantes, /Das coroas que os crentes terão, / Quando o Pai os chamar proclamando: / "Recebei eternal galardão!" / Tenho lido que os santos na glória / Tem gozo e prazer perenal. / Mas metade da glória celeste / Jamais se contou ao mortal. [35]

Tal como os cristãos dos tempos dos conflitos com o Império Romano, depois nos períodos das guerras religiosas e perseguições movidas pela Santa Inquisição, ou pela boca dos negros escravos nos Estados Unidos, os evangélicos brasileiros aprenderam, enquanto cantavam, a imaginar o céu como um *lugar de delícias*. Nesse lugar, ao lado do próprio Deus, entre uma luminosidade intensa, se concretiza a promessa de Jesus registrada no Evangelho de São João 14.2: *"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também".* Este cântico expressa tal expectativa:

> **1**. Junto ao trono de Deus preparado / Há cristão, um lugar para ti; / Há perfumes, há gozo exaltado. / Há delicias profusas ali; / Sim, ali; sim, ali, / De Seus anjos fiéis rodeado, / Numa esfera de glória e de luz, /Junto a Deus nos

[35] Ibid. p. 294, Hino nº 477.

> espera Jesus. / **2**. Os encantos da terra não podem / Dar ideia do gozo dali; / Se na terra os prazeres acodem, / São prazeres que se acabam aqui; / Mas ali, mal ali / As venturas eternas concorrem / Co'a existência perpétua da luz, /A tornar-nos felizes com Jesus. / **3.** Conservemos em nossa lembrança, /As riquezas do lindo país, / E guardemos conosco a esperança, / De uma vida melhor, mais feliz; Pois dali, pois dali / Uma voz verdadeira não cansa /De oferecer-nos do reino da luz, / O amor protetor de Jesus. **4**. Se quisermos gozar da ventura / Que no belo país haverá, / É somente pedir da alma pura, / Que de graça Jesus nos dará. / Pois dali, pois dali /Todo cheio de amor, da ternura, /Desse amor que mostrou-nos na cruz, /Nos escuta, nos ouve Jesus. [36]

O cristão, nessa perspectiva protestante, segundo alguns críticos, está bastante próximo ao neoplatonismo, é o *homo viator* e o seu destino é voltar às origens. No dizer de Santo Agostinho: *"Vós nos criaste para vós e a nossa alma não encontra paz enquanto não voltar para vós"*. Para onde caminha o cristão e que papel a morte desempenha nessa trajetória? O cristão, na visão protestante, está a caminho de sua verdadeira pátria que é o céu. Daí outro hino muito popular e cantado em cerimônias fúnebres - *Vou à Pátria!*

> **1**. Vou à Pátria – eu peregrino – / A viver eternamente com Jesus. / Ele me marcava, feliz destino, / Quando, ferido por mim, morreu na cruz. / **2**. Dor e pena, tristeza e morte; / Nunca, nunca, nunca me interrompem lá / Desfrute sempre, de Cristo a sorte; / E ao Deus bendito minha alma louvará. / **3**. Terra santa, formosa e pura / Salvo por Jesus eu entrarei em ti; / Felicidade, paz e doçura /Terei na glória! Há! Quando irei daqui? [37]

O protestante brasileiro assimilou bastante da mensagem dos missionários norte-americanos. Muitos deles, vindos do Sul dos EUA logo após a Guerra da Secessão, traziam consigo a saudade da pátria, o sentimento de estarem expatriados, vivendo em uma cultura católica, onde sequer podiam sepultar os seus mortos nos cemitérios tidos como espaços sacralizados pela Igreja Católica. O sentimento de ser minoria, de serem excluídos da cultura hegemônica, reforçava nos evangélicos a identificação com uma mensagem de negação da terra e de anseio pelo paraíso situado na vida pós-morte. O resultado é uma vida em que o anseio por uma inversão na situação atual, percebida como de sofrimento, se expressa tanto em um suspiro como em uma lembrança do paraíso perdido:

[36] Ibid., p. 291, Hino nº 473.
[37] Ibid., p. 289, Hino nº 469.

> **1**. Pátria minha, por ti suspiro! / Quando no teu bom descanso eu entrarei? / Os patriarcas, de Deus amigos, /E os bons profetas, fiéis antigos, / Já entraram na tua glória, / Onde vêem em esplendor o grande Rei. / **2**. Os Apóstolos, Mártires todos, / Pelo sangue já venceram o Dragão; / Por Cristo são mais que vencedores, / E agora cantam os seus louvores; / Pátria santa, quem dera ver-te, / Ver o Salvador e a grande multidão.[38]

Para o evangélico, a morte abre a porta de entrada ao lugar para onde a sua alma é encaminhada imediatamente após a morte. O evangélico rejeita a opção espírita. Para isso, ele tenta tomar como base de argumentação a parábola que Jesus contou sobre o rico e Lázaro. Um rico, anônimo, que desprezava os pobres, morreu e foi sepultado no inferno. Um pobre, chamado Lázaro, foi desprezado em vida pelo rico. Agora, depois da morte, o pobre estava no "seio de Abraão" (o pai da fé judaica e cristã), isto é, no paraíso, enquanto o rico, além de estar sofrendo tormentos, sofre porque não consegue entrar em contacto com os irmãos vivos para lhes pregar o arrependimento. Na parábola, Jesus aponta para a necessidade de se ler os profetas diante da impossibilidade da volta dos mortos. Em outras palavras: para os protestantes, não há comunicação possível entre os mortos e os vivos.

Mas, ao elaborar tais representações da morte e da vida pós-morte, o protestante ou evangélico brasileiro, enquanto forasteiro e estrangeiro neste mundo, exterioriza seus sonhos sobre o céu, parte integrante e especial no imaginário do protestante tradicional. Porém, não se trata de um sonhar passivo, mas de uma esperança motivadora e ativa, que se manifesta assim na pregação de uma mensagem para a qual ele foi cooptado pela divindade. Essa crença pode ser vista na letra do hino *Mensagem real,* que transmite bem o significado dessa missão que deve ser cumprida enquanto o fiel vive. Porém, quando em agonia ou já morto, os seus irmãos de fé deverão continuar cantando e levando adiante a tarefa de *"ganhar o mundo para Cristo"*:

> **1**. Sou forasteiro aqui, em terra estranha estou, / Celeste pátria, sim, é para aonde vou; /Embaixador, por Deus, de reinos dalém céus, /Venho em serviço do meu Rei. **3.** Mais belo que um rosal, o lar celeste tem/ A bênção pra o mortal, o gozo eterno além; / Ali só há prazer, vos manda o Rei dizer, /Venho em serviço do meu Rei.[39]

Para o cristão protestante que se sente forasteiro, a vida na terra é uma rápida peregrinação. Nesse sentido, seus cânticos estão profundamente ligados a uma teodiceia

[38] Ibid., p. 288, Hino nº 468.
[39] Ibid., p. 329, Hino nº 544.

ou a uma grande narrativa que lhe dá sentido à vida, incorporando o passado de pecado e de miséria, do qual ele se converteu um dia, a um presente de provas e de reafirmação de fidelidade a Jesus. Por isso, o fiel repete o tempo todo que espera por um futuro encontro com o Autor de sua salvação – Jesus – no final da peregrinação terrena. Assim, o protestante vive aqui na terra, porém os seus olhos estão postos no céu. O hino *O doce porvir* traz uma forte mensagem de consolo para os que se sentem nessa condição:

> **1**. Pela fé avistamos além / Uma terra que brilha em fulgor! / Nas moradas de Jerusalém. / Um lugar nos prepara o Senhor / Sim no doce porvir viveremos no lindo país. / **2**. Cantaremos no belo país / Melodias de santo ardor; / Nessa terra celeste e feliz / Não há pranto, gemido, nem dor. / **3.** Sim, daremos ao nosso Jesus / Um tributo de grato louvor / Pelas bênçãos do reino de luz, / Pelo dom do seu rico amor. [40]

Aqui está a hipótese principal da tese de Antonio Gouvêa Mendonça (1922-2007): a atração da nova doutrina protestante num país católico, em especial sobre os homens pobres e livres do interior paulista, carioca e mineiro, no final do século XIX, se deu porque se falava do rompimento com o passado e a entrega a uma visão cuja concretização não estava na vida terrena, mas num celeste porvir. Por tal motivo esse protestante canta antecipadamente em seus rituais mortuários ou não as delícias que imagina encontrar no céu. Ao redor desse ponto construiu-se uma visão de mundo e de destino que iria refletir tanto na morte como no morrer.

Mendonça (2008) enfatiza o papel dos hinos na explicitação dessa fé e na fácil incorporação das doutrinas reformadas. Para Mendonça[41], *"o protestante comum vive no provisório. Sua ética de negação do mundo o conduz à constante expectação do porvir, do mundo a-histórico do Além, muito melhor do que o presente".* Essa expectativa leva o fiel protestante a cantar, mesmo aqui na terra, os encantos do Paraíso, do Céu ou da Jerusalém Celestial. Com isso, ele nega o tempo presente, experimentado como que um período de sofrimento, de provação e de preparo para a verdadeira vida que será eterna, nos céus, ao lado de Deus, de Jesus e de todos os que o antecederam na fé e "morreram no Senhor". Mas o grande sonho místico que o anima é encontrar com Jesus na pátria celestial. Esse anelo aparece no hino *"Hei de vê-lo!"*:

> **1**. Finda a lida terreal. / Quando já do rio além, / Nessa vida tão gloriosa me encontrar, / Sei que lá meu redentor / Finalmente eu hei de ver. / E com hinos de louvor hei de o saudar. / **2**. Oh, que enlevo divinal; / O seu rosto a contemplar, / Desde a aurora desse dia perenal; / Como então meu oração /

[40] Ibid., p. 292, Hino nº 474.
[41] A. G. MENDONÇA, O celeste porvir, p. 341.

> Haverá de o exaltar, / Pela graça e compaixão celestial! **3.** Nessa pátria de esplendor, /Hei de amigos encontrar, / Meus irmãos em Cristo lá hei de rever; / Mas primeiro que os irmãos, / Quando ali no céu chegar, / Meu Jesus é quem eu mais anseio ver. / **4.** Pelas portas de Sião, / Com as vestes a brilhar, / Onde a noite e o pranto nunca chegarão, / Lá no lindo céu de luz / Há de Cristo me guiar, / E mui perto, sim, eu hei de vê-lo então. [42]

Ressalta-se sempre nesse discurso a fidelidade demonstrada pelo falecido e a sua obediência aos mandamentos de Cristo. Nos meios evangélicos abomina-se a doutrina da influência das boas obras para a garantia da salvação. Aliás, os protestantes fizeram no século XVI da salvação pela graça e mediante a fé um dos pilares da Reforma. Desde então, o morto é visto como alguém que está salvo porque se arrependeu de seus pecados, e confiou na morte vicária de Jesus. As boas obras são encaradas apenas como uma consequência dessa fé. Mesmo assim, repete-se a afirmação do autor do Apocalipse (14.13): *"Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois* as suas obras os acompanham" (o grifo é nosso).

O hábito de cantar nos serviços religiosos protestantes ao redor do morto, porém, nem sempre é bem compreendido pelos não protestantes. Esses cânticos, seja pela letra ou melodia, são considerados momentos de muito consolo pelos enlutados. Há cânticos que falam do céu, do paraíso, ou das coisas boas que esperam o cristão. Nesses cânticos o céu é chamado de "Jerusalém celestial", de "Canaã", e o lugar para onde as almas salvas irão é designado como "Tabernáculos eternos", "Pátria Celestial" ou "Morada de Deus".

Portanto, não há para eles na morte um adeus, mas sim uma breve separação, pois todos os que viverem a mesma fé, promete a mensagem do celebrante, irão novamente se reunir ao redor de Jesus Cristo, no Céu. Percebe-se então que todas essas palavras, faladas ou cantadas, parecem desencadear *um alto poder consolador* para os que sofrem a dor da perda. Mas, para os teólogos, há muitas questões controversas, cujas respostas jamais irão satisfazer a todos os evangélicos.

Necrológios ou o discurso escrito sobre os mortos

Nesta última parte, queremos nos referir a um hábito existente entre os evangélicos, pelo menos entre os mais tradicionais, de registrarem em seus jornais uma pequena e

[42] SALMOS E HINOS, Hinário da Igreja Evangélica Fluminense, p. 327, Hino nº 540.

exaltada biografia dos mais zelosos fiéis da comunidade de fé.[43] Tais discursos sobre os mortos se inserem no esforço de todo grupo social e organizações de manter em funcionamento normal as instituições a despeito da morte de seus colaboradores. Tem razão Peter Berger e Thomas Luckmann ao afirmarem que o *"universo simbólico* [...] *localiza todos os acontecimentos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro"*, ligando *"os homens com seus predecessores e sucessores numa totalidade dotada de sentido"*.[44]

O escritor de um necrológio redigido para um jornal protestante é uma espécie de guardião do passado, de suas imagens, símbolos e atores, isto é, de um patrimônio do qual a memória faz parte integrante. Por isso mesmo ele consegue elaborar um discurso que está além do falar sobre os mortos. Tal escritor participa do esforço de uma instituição religiosa de ligar a morte de um dos seus a um contexto mais amplo. Resulta desse esforço que o autor desse tipo de escrito se torna uma ponte entre o passado e o presente, celebrando não somente a carreira dos mortos, mas fazendo da biografia idealizada deles modelo de vida que altere o presente e o futuro. Nesse sentido, examinar tais relatos é tentar reconstruir a sociedade e as suas representações, a partir da biografia e do testemunho de alguns de seus atores, inclusive dos que já morreram.

Alguns exemplos desses necrológios, facilmente localizados nos jornais evangélicos mais tradicionais, ressaltam sempre que a pessoa "morreu em paz", na comunhão com a sua Igreja, a qual ajudava financeiramente, participava dos cultos, contribuindo assim para a expansão da pregação evangélica. Daí a observação de Andreia Vicente Silva[45] de que nos velórios dos evangélicos é comum prestar-se atenção para a *"face do morto* [que] *pode revelar dados morais da trajetória cristã daquela pessoa e confirmar seu destino póstumo"*. Assim, a *"expressão do rosto morto é lida como a marca do momento decisivo da sua morte, quando o indivíduo foi definitivamente julgado"*. Dessa maneira, ainda segundo Silva, o que se vê *"no semblante inerte"* são sinais de um *"julgamento moral feito ainda no decorrer da vida"*.

[43] Uma consulta nos principais jornais dos protestantes tradicionais pode servir de exemplo de como esses cristãos elaboram um tipo de registro do falecimento de seus mortos sob o título de "necrológios". Alguns deles podem ser considerados "túmulos de papel". Outros, no entanto, parecem ser peças escritas com o objetivo de ganhar prosélitos, mas, que acabam apresentando uma visão idealizada do falecido. Um exame de *O Estandarte*, dos presbiterianos independentes; *O Puritano*, dos presbiterianos do Brasil; *O Expositor Cristão*, dos metodistas; ou o *Jornal Batista*, da Convenção Batista Brasileira, especialmente nos números publicados nas últimas décadas do século XX, podem servir de exemplo de como os protestantes representam e agem diante da morte e do morrer.

[44] P. BERGER & TH. LUCKMANN, *Construção social da realidade*, p. 140.

[45] A. VICENTE SILVA, Corpos próximos e distantes, p. 4.

Os necrológicos publicados nos jornais evangélicos enfatizam os aspectos positivos e morais da trajetória de vida do fiel falecido, eliminando, é óbvio, conhecidas falhas eventualmente existentes. Nesses necrológios é comum repetir que os falecidos "combateram o bom combate", e que foram fiéis e modelos exemplares de fé até o último dia, quando então "entregaram a sua alma ao Senhor" ou então, simplesmente, "dormiram no Senhor".

Tais relatos se aproximam muito dos discursos hagiográficos estudados por Michel de Certeau.[46] Às vezes, há textos que exageram nas qualidades espirituais dos mortos, fazendo-os parecerem anjos que viveram na terra. Há, por tal motivo, um enorme risco de que a retórica laudatória dos mortos se torne em um instrumento útil nas mãos dos que manipulam o poder organizacional, conforme Campos.[47] Aliás, não somente o discurso sobre os mortos como até mesmo a exposição dos mortos ilustres podem ser vistos à luz do exercício do poder político ou institucional. Jacques Julliard[48] organizou uma coleção de artigos contendo ensaios etnográficos de política comparada na qual são analisados desde os debates sobre missas em intenção da alma do socialista e não católico presidente francês François Mitterrand, até a veneração do corpo de pessoas ilustres ou heróis como Marat, em Paris, ou Lenine, na Praça Vermelha, em Moscou.

Ora, o necrológio como um discurso de vivos para vivos, embora sobre os mortos, está longe de ser um discurso inocente. Ele se inscreve dentro do objetivo de toda retórica que é o de *"modificar ou manter percepções, crenças ou cursos de ação"*, conforme aparece nos textos de Thereza Halliday[49]. Os discursos fúnebres são caracterizados como epidíticos por Lineide do Lago Salvador Mosca[50] pois *"exaltam as virtudes de um falecido estimado ou famoso por seus méritos"*. Uma leitura dos necrológios publicados nos jornais protestantes pode oferecer ao pesquisador subsídios para verificar de que forma e como são criadas, usadas e disseminadas as representações coletivas a respeito da morte, do luto e da crença na continuidade da vida.

Considerações finais

As representações coletivas da morte e do morrer, inseridas na história das culturas e dos grupos sociais, se alteram com o passar do tempo. Segundo Phillip Áries,[51] no Ocidente aconteceu a passagem de uma era em que se morria em casa, cercado de amigos e parentes, dentro de um ritual em que o próprio moribundo participava e, às

[46] M. de CERTEAU, *A escrita da História*.
[47] L. S. CAMPOS, Celebrando obras e carreiras.
[48] J. JULLIARD, *La mort de roi*.
[49] TH. HALLIDAY, *A retórica das multinacionais*.
[50] L. do LAGO SALVADOR MOSCA, *Retóricas de ontem e de hoje*, p. 34.
[51] PH. ARIES, *História da morte no Ocidente*.

vezes, o presidia como o seu último ato em vida. Recentemente passamos para uma cultura em que *"o moribundo é privado de sua morte – sedado, ele morre às escondidas"*. Nela há "uma recusa do luto" e chorar não é uma atitude bem vista. O pragmatismo e a racionalidade passam a dirigir todo o período de luto.

Esse processo de inversão afetou o lugar do especialista da saúde, dos clérigos, da família e do próprio moribundo. Depois da introdução dessa dinâmica cultural, o especialista religioso ou o profissional da saúde necessitam repensar as suas estratégias e modos de acompanhar o enfermo, de apoiar os enlutados e de lidar com a morte. Nesse cenário, o próprio ritual mortuário dos evangélicos está em processo de mudanças. Isto porque é a cultura e o seu entorno que se alteraram. Ora, é exatamente dentro desse contexto de mutações das representações coletivas com respeito à morte, as formas de assistir aos moribundos e as maneiras de se lidar com o funeral, se expressam de formas novas. Bellah, citado por Nathan Mitchel,[52] aponta para as características desse novo cenário cultural: individualismo e pragmatismo. Nele as pessoas assumem como pressuposto inquestionável *"a inviolável sacralidade do indivíduo solitário".*

Daí Elias (1897-1990) se referir à *"solidão dos moribundos"* como uma característica deste nosso tempo. Para ele, talvez porque estivesse vivendo essa solidão resultante de seu próprio envelhecimento, a solidão e a morte começam bem antes *"do fim efetivo da vida, do atestado de óbito e do caixão. Muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem. As últimas horas são importantes, é claro. Mas, muitas vezes, a partida começa muito antes",* conclui Elias. [53]

Portanto, *"a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas*". O morrer se torna, cada vez mais, um processo biológico solitário. Distante dos rituais religiosos registra Elias, *"morrer é no presente uma situação amorfa, uma área vazia no mapa social*". Para ressaltar ainda mais o seu argumento, ele escreve que os que estão *"próximos dos moribundos, muitas vezes não têm capacidade de apoiá-los e confortá-los com a prova de sua afeição e ternura"*.[54]

Estaríamos vivendo o fim dos rituais religiosos mortuários? O processo de secularização, para o qual houve uma forte influência protestante, estaria nos levando para longe das estratégias e dos rituais articulados há séculos pelos religiosos no que se relaciona à morte? Mitchel[55], escrevendo sobre o impacto das mudanças sobre as liturgias cristãs, afirma que há no cenário cultural "rituais emergentes" em erupção em nossa sociedade. *"Os rituais continuam sendo uma poderosa força a moldar as crenças, porque nos animam a interpretar a realidade de determinadas maneiras"*. Poderá haver

[52] BELLAH, apud N. MITCHEL, Rituais emergentes na sociedade contemporânea.
[53] N. ELIAS, *A solidão dos moribundos*, p. 8.
[54] Ibid., pp. 10 e 26.
[55] N. MITCHEL Rituais emergentes na sociedade contemporânea, p. 165.

uma diminuição na busca das igrejas para a prestação desse tipo de serviço ainda hoje requerido dos clérigos? Parece que sim, inclusive os rituais de luto se tornam cada vez mais breves e restritos a um círculo muito pequeno de pessoas.

Por sua vez, os túmulos de protestantes estão deixando de ser um espaço para pregação da mensagem deles. No entanto, nos cemitérios tradicionais ainda estão presentes epitáfios e reprodução de porções bíblicas. Já nos cemitérios tipo jardim, inclusive nos de propriedade de associações protestantes como, por exemplo, no Cemitério de Congonhas ou no Cemitério da Paz, (ambos de São Paulo), há somente uma pequena placa fixada no meio da grama com o nome do falecido, ano de nascimento e morte.[56]

As pressões culturais da pós-modernidade levam as pessoas a valorizarem apenas o presente e o material, a enfraquecer antigas disputas entre os cristãos a respeito da situação da alma na vida após a vida. Por outro lado, quase não há mais, entre os protestantes, discussões sobre o estado intermediário (purgatório) dos mortos, há muito mais preocupação com o bem-estar proporcionado pela religião para as pessoas vivas.

A atuação de pastores protestantes tradicionais tende a se tornar mais sofisticada e a sofrer influências da Psicologia, e os seus rituais mais sujeitos ao clima criado pelo processo de secularização. Há programas de especialização para o trabalho de capelania hospitalar. Há pastores com formação em Psicologia ou Psicanálise que têm procurado atuar na área pastoral com instrumental científico.

Também as discussões e as reservas com ensinamentos do Adventismo e Testemunhas de Jeová a respeito das penas eternas ou imortalidade da alma têm sido deixadas para um lugar secundário. Há uma significativa influência nos protestantes tradicionais de ideologias "presentistas" oriundas da Teologia da Prosperidade e de uma cultura hedonista também muito frequente nos meios neopentecostais. [57]

---

[56] As diferenças entre túmulos de protestantes e católicos podem ser comprovadas numa simples visita a um cemitério de regiões onde há muitos protestantes. O túmulo de um protestante tradicional não tem imagens de santos e reproduzem dizeres relativos à trajetória de vida de quem está ali sepultado ou então um versículo bíblico. No Cemitério da Consolação, em São Paulo, por exemplo, há verdadeiras obras de artes enaltecendo os valores próprios dos católicos romanos falecidos ou como expressão do status social ocupado pela família. No Cemitério dos Protestantes, ao lado do Cemitério público da Consolação, no túmulo do reverendo Eduardo Carlos Pereira (fundador da Igreja Presbiteriana Independente) há uma estátua, mas é da jovem noiva que na parábola de Jesus estava à espera do noivo com a sua lâmpada acesa. O cristão, da mesma forma, explica os seus familiares, está à espera da volta de Jesus, o "noivo da Igreja".

[57] Ainda não há, até onde conhecemos, um estudo sobre as representações coletivas dos pentecostais brasileiros e das implicações da Teologia da Prosperidade para as crenças na morte. Porém, como observamos em outro texto (Campos, 1997) há entre os neopentecostais um rebaixamento para o nível terreno de crenças que para os protestantes tradicionais apontavam em direção ao "celeste porvir", isto é, para as recompensas no mundo pós-morte. Há um hedonismo presente nas crenças do

Para tais grupos, anula-se o temor da morte e a preocupação com o futuro através da ênfase no bem estar individual, físico, psicológico e econômico no presente. Nada se fala do futuro ou não se toca em temas escatológicos na pregação desses grupos religiosos. Não é um mero acaso que a Igreja Universal do Reino de Deus não tem nenhum ritual para acompanhar o moribundo que sente a morte se aproximar. Também um iurdiano não pode contar, nem ele e nem seus familiares, com o apoio espiritual de seus pastores e bispos, nem tampouco esperar rituais mortuários nos velórios, templos ou cemitérios. Isto porque, a nosso ver, nada mais avesso à afirmação da ligação doença-demônios, salvação-cura, e prosperidade-vida material, do que o cenário desenhado pela presença da morte.

O protestante, ao enfrentar a morte, é estimulado a vivenciar esse momento, não como um ponto final da existência, mas como a entrada para uma nova etapa da vida. Isto é, a vida continua em outra esfera ou estágio. Assim, nessas ocasiões alguns deles se despedem de seus familiares com um "até logo mais, nos encontraremos na eternidade". Os seus teólogos, no entanto, afirmam que não se trata de uma indiferença socrática para com a morte, mas reflexo da crença de que "quem está com Cristo está sempre vivo, em qualquer lugar ou estado da alma".

Contudo, com o aumento do processo de racionalização e de secularização; com o esvaziamento da memória e do futuro; com a radicalização da modernidade ou o advento da pós-modernidade; a visão dos evangélicos a respeito da morte e do luto tende a exigir dos especialistas religiosos mudanças nas formas de se lidar com a morte e o morrer. No que tange aos ritos mortuários, não é de se estranhar a adoção, primeiro pelos protestantes, depois por demais membros da sociedade ocidental, de um tipo de *American deathway* analisado por Peter Metcalf e Richard Huntington. [58]

Mas, o que leva um fiel protestante a aceitar com um aparente melhor autocontrole a dor da separação? Devemos a Elizabeth Kübler-Ross (1926-2004)[59] a teoria dos cinco estágios do morrer que são: negação/isolamento, raiva, negociação, depressão e aceitação. À luz dessa classificação proposta pela psiquiatra holandesa-americana poderíamos afirmar que o fiel protestante consegue se fixar no último estágio (aceitação) com mais facilidade na medida em que ele se entrega a uma fé e confiança de que *"todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus e são fiéis aos seus propósitos"*. De semelhante modo, eles cantam *"as tuas mãos dirigem o meu destino, ó Deus de amor,*

atual neopentecostalismo que enfatizam o aqui e o agora, a vida saudável de um presente que gostariam eternizar.

[58] PETER METCALF E RICHARD HUNTINGTON, *Celebrations of death: The anthropology of mortuary ritual,* p. 191 ss.

[59] ELIZABETH KÜBLER-ROSS, *Sobre a morte e o morrer,* 1981.

é bom que seja assim". O morrer, para eles, é *"dormir no Senhor"* ou ser *"recolhido no tabernáculo eterno"*.

Por isso é que os protestantes tradicionalmente aceitavam, com um sentimento de resignação ou até de alegria, a morte, pois, esta seria a vontade de Deus. Daí a relativa tranquilidade, ausência de gritos e "escândalos" nas exéquias de alguém que sempre foi tido como um dedicado protestante e que é considerado pela comunidade como um "cristão fiel ao seu Deus". É comum, nesses casos e oportunidades, os familiares usarem as palavras do livro judaico de Jó: *"O Senhor o deu e o Senhor o tirou bendito seja o nome do Senhor"*. Com tais expressões, eles procuram demonstrar não uma atitude de revolta, ainda que seja uma morte prematura por acidente ou enfermidade, mas sim uma aceitação que os leva à celebração, não de uma "missa de corpo presente", mas a realização de um "culto de ação de graças pela vida [de fulano de tal]".

Para o Espiritismo kardecista, segundo J. Herculano Pires,[60] *"o clero cristão, tanto católico como protestante* [...] *perdeu a capacidade de socorrer e consolar os que se desesperam com a morte de pessoas amadas"*. É nesse contexto que se usam o conceito de reencarnação, e o termo "desencarnou" e não "morreu" ou "faleceu" para os seus mortos. Assim, de acordo com essa doutrina, somente Kardec teria conseguido apresentar um discurso que satisfaz a mente e as emoções humanas quanto ao antes, o durante e ao depois da vida terrena. Para os protestantes e católicos que não creem na reencarnação, resta a perspectiva da ressurreição dos mortos. Esta tem sido a teodiceia hegemônica entre os cristãos tradicionais, cuja fundamentação é constantemente retomada nos seus ritos mortuários.

Finalmente, observemos que os protestantes encaram a morte como mais um chamado (vocação) de Deus endereçado ao coração humano. Para eles tanto o viver quanto o morrer devem ser vistos na perspectiva atribuída a São Paulo: *"Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro"* (Filipenses 1.21). A vida, portanto, se expressa em um campo de provas para avaliar a fidelidade de cada um e não um período para praticar o bem e purgar as faltas cometidas em outra encarnação como ensinam os kardecistas. A vida terrena seria então um momento único de aprendizado para o viver na eternidade.

O ritual mortuário, com todos os seus desdobramentos, para os evangélicos, tem mais do que uma função proselitista, pois é, também, educativo e catequético. São momentos, segundo eles, de se reafirmar lições que teriam sido dadas pelo próprio Cristo, que garantiu a continuidade da vida a partir de sua própria experiência, como alguém que venceu a morte por meio da ressurreição. Por tais motivos, ganha força a expressão atribuída a Jesus Cristo: *"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá, e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente"* (João 11.25).

[60] J. HERCULANO PIRES, *Educação para a morte*, p. 103.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe, *História da morte no Ocidente,* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*, São Paulo, Editora UNESP, 2014.

ANUÁRIO LITÚRGICO, Igreja Metodista do Brasil, 2008.

BAUBEROT, Jean ; BOST, Hubert, Protestantisme, in GISEL, Pierre (Coord.) *Encyclopedie du Protestantisme*, Genève-Paris, Cerf-Labor et Fides, 1995, p.1212.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer,* São Paulo, Paulus, 1996.

BELLO, Ângela. *Culturas e religiões: Uma leitura fenomenológica,* Bauru, Edusc, 1998.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas, *A construção social da realidade,* Petrópolis, Vozes, 1976.

BIBLIA SAGRADA, Tradução João Ferreira de Almeida, Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAMPOS, Leonildo Silveira, Celebrando obras e carreiras: a função do louvor ao passado e aos líderes na criação e manutenção de uma cultura organizacional em uma denominação protestante brasileira, em ROSA, Ronaldo Satler, *Culturas e Cristianismo,* São Paulo, Loyola, Umesp, 1999.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado,* Petrópolis-São Paulo, Vozes-Umesp, 1997.

CERTEAU, Michel de, *A escrita da História,* Rio de Janeiro, Forense, 1991.

CORREIA, Udson Rubens; Apostolado Veritatis Splendor: O *purgatório nas Sagradas Escrituras*. http://www.veritatis.com.br/article/271. Acessado em 29/1/16.

COULANGES, Fustel de, *A cidade antiga,* São Paulo, Martin Claret, 2003.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 2001.

GAUCHET, Marcel, *El desencantamiento del mundo – una historia política de la religión*, Madrid, Trota-Universidad de Granada, 2005.

GENNEP, Arnold Von, *Os ritos de passagem,* 3ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GOUNELLE, André. Mort et vie éternelle, en GISEL, Pierre (coord.) *Encyclopédie du Protestantisme*, Paris, CERF, e Genéve, Labor et Fides, 1995, p.1046.

HALLIDAY, Thereza. *A retórica das multinacionais* – A legitimação das organizações pela palavra, São Paulo, Summus, 1996.

HERTZ, Robert, Contribución a un estudio sobre la representación colectiva de la muerte, en *La muerte, La mano derecha,* México, Alianza Editorial Mexicana, 1990.

JOHNSON, Christopher Jay e McGEE, Marsha G. (editors), *How different religions view death and afterlife*, 2ª ed. Philadelphia, The Charles Press Publishers, 1998.

JOSUTTIS, Manfred, *Prática do Evangelho entre política e religião,* São Leopoldo, Sinodal, 1979.

JULLIARD, Jacques (org.) *La mort du roi: Essai d'ethnographie politique comparée,* Paris, Gallimard, 1999.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth, *Sobre a morte e o morrer,* São Paulo, Martins Fontes, 1981.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*, São Paulo, Paulinas-Loyola, 2014.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*, Lisboa, Estampa, 1995.

MAGALHÃES, Flávio. (Coord.). *Cemitério dos protestantes*: repouso dos ilustres. São Paulo: ACEMPRO, s/d.

MANUAL DE CULTOS, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, São Paulo, Pendão Real, 2004.

MANSILLA AGUERO, Miguel Angel. *Muerte, milênio y secularización – Representaciones de la muerte en el pentecostalismo chileno (1909 al 2009)*, Tese Doutoral

en Antropologia, Arica, Universidad de Tarapacá y Universidad Católica del Norte, 2011.

MAUSS, Marcel, Efeito físico no indivíduo da ideia de morte, em *Sociologia e Antropologia,* v. II, São Paulo, E.P.U. e Edusp, 1954.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa*, O celeste porvir: A inserção do Protestantismo no Brasil*, 3ª ed. São Paulo, Edusp, 2008.

METCALF, Peter, HUNTINGTON, Richard, *Celebrations death: The anthropology of mortuary ritual,* 2ª ed. New York, Cambridge University Press, 1991.

MITCHEL, Nathan. Rituais emergentes na cultura contemporânea, em *Concilium – Revista Internacional de Teologia,* Petrópolis, Vozes, n. 259, 1995/3, pp. 160-171.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Org.) *Retóricas de ontem e de hoje,* 3ª Ed. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2004.

PIRES, Herculano. *Educação para a morte*, 5ª Ed. São Bernardo do Campo, Editora Espírita Correio Fraterno do ABC, 1996.

PREISWERK, Yvonne. *Le repas de la mort: Catholiques et protestants aux enterrements,* Sierre, Monographic SA, 1983.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Claudia. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889), em *Revista de História Regional*, V. 13, n.1, p.23-38, 2008.

SÁ, Ana Clélia de. *Representações sociais da esperança da vida eterna no Cemitério Protestante da Consolação,* São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, CEFT, 2016.

SALMOS E HINOS, Rio de Janeiro, Igreja Evangélica Fluminense, 1957.

SANTANA, Fabíola de J. S., A retórica da intensificação de papéis sociais e da expressão do luto nos gêneros fúnebres: o caso dos epitáfios. *Pesquisa em Foco*. v. 20, n.1, pp.127-

143, 2015, http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/%20article/view/920 <Acesso em 20 junho de 2016>

SILVA, Andréia Vicente. Corpos próximos e distantes. O rito do enterro evangélico e seu caráter de moralidade, *Revista Nures,* ano VIII, n. 21, maio-agosto de 2013, p. 4.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Proclamadores do Reino de Deus*, Cesário Lange, 1993.

THOMAS, Louis-Vincent. *Antropologia de la muerte,* México, Fondo de Cultura Económico, 1974.

THOMAS, Louis-Vincent. Lo sagrado e la muerte, en RIES, Julien (Coord.), *Tratado de Antropologia de lo sagrado* (v.1), Madrid, Editorial Trotta, 1995, pp. 215-262.

TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian churches,* 2 v., New York, Harper & Brothers, 1960.

VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*, São Paulo, Brasiliense, 1991.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório ou o trabalho do luto*, São Paulo, Editora UNESP, 2010.

Recebido: 03/02/2016
Aprovado: 08/06/2016